

Precisamos Mais!

Reunimos para discutir o Manifesto Autárquico 2017. Aderentes do Bloco, autarcas, entre os quais o nosso vereador independente, eleito há dois mandatos na Câmara Municipal do Seixal. Este é, pois, um contributo para a discussão, uma reflexão que gostaríamos de partilhar com todo o Bloco.

O Manifesto de 2017 soube-nos a pouco. Não deixámos de compará-lo com o de 2013 e, embora estejamos em tempos diferentes, parece-nos que o actual documento é bem mais pobre do que o de há 4 anos e até insuficiente. Considerando a experiência autárquica adquirida pelo Bloco e as expectativas que, pensamos, o nosso partido tem, tendo em conta o papel político que vimos desempenhando a nível nacional e local.

O documento carece de uma breve caracterização da situação política que vivemos e de ser enquadrado no actual quadro político com uma nova maioria parlamentar.

O actual Manifesto aborda múltiplos aspectos diferentes, mas não com o detalhe que alguns deles deveriam merecer para que possam ter a marca do Bloco nas autarquias. Pareceu-nos demasiado genérico por um lado e omissos noutros.

É inaceitável que o grande ataque do governo PSD/CDS ao poder local que redundou “na maior ofensiva contra a democracia local de que há memória no Portugal democrático” e no desaparecimento de 1165 freguesias não seja sequer referido no documento. Ainda por cima quando o Bloco de Esquerda lutou contra isso nas Assembleias Municipais e de Freguesia em todo o país invocando a participação das populações através do referendo local e mais recentemente na Assembleia da República com um projecto próprio, no sentido da reversão do processo, o qual foi chumbado pelo PS.

Em 2013 vivíamos em plena crise e debaixo do garrote da austeridade da troika e do governo da direita e era preciso “responder à emergência social” pelo que na altura enumerávamos diversas respostas concretas de combate à carência social, à exclusão e à pobreza. Hoje, foram revertidas políticas que vieram minorar as situações sociais de maior fragilidade, mas a austeridade continua a sentir-se na vida dos mais pobres e daqueles/as para quem a precariedade não deixou de existir. As cantinas sociais continuam a existir e continua a ser necessário responder à emergência social! O Manifesto “Cidadania Viva!” reflecte de forma superficial essa realidade concreta presente nas cidades, nos subúrbios, nas aldeias, no litoral e no interior do País, para a qual as freguesias e as instituições locais são chamadas a responder.

Em nossa opinião a necessidade de resgatar a democracia local e regional lema do manifesto eleitoral de 2013 a par da resposta à emergência social mantém plena actualidade na maioria dos pressupostos elencados, pelo que deviam ser revisitados e de novo assumidos como desafios para o Bloco.

Em particular, considerámos insuficiente o capítulo dedicado ao tema da descentralização que deveria ser objecto de um debate aprofundado nesta Conferência. Quando hoje há o risco da municipalização de serviços essenciais como a educação e a saúde, com experiências já a decorrer na educação em autarquias do PS, o aprofundamento deste tema é vital para os

militantes e autarcas do Bloco de Esquerda. Tanto mais que acreditamos que a descentralização pode ser um instrumento que potencie a participação e a transparência e inverta o afastamento das populações das decisões, da resolução das suas necessidades e da defesa dos direitos.

Outros aspectos como, por exemplo, a promoção da cultura, geradora da ligação das populações aos territórios, deveria igualmente merecer maior atenção e destaque no Manifesto Autárquico. Mas parece-nos que é obrigação do Bloco não limitar no seu Manifesto a referência à questão da igualdade de género em duas linhas, com uma formulação tão genérica e tão estereotipada, que não ajuda a ganhar as candidaturas para a sua inclusão nos seus programas, antes pelo contrário. Os programas eleitorais do Bloco não podem silenciar uma análise sexuada das realidades locais, de modo a responderem a necessidades e carências específicas como a guarda das crianças (escolas/infantários/creches), a prestação de cuidados a pessoas a cargo (idosos/as, pessoas com deficiência), famílias monoparentais, mulheres vítimas de violência, protecção e segurança (iluminação pública/parques de estacionamento/interfaces de transportes), linguagem e sinalética não sexista. O Bloco pode e deve ser agente de mudança e de combate aos estereótipos, assim aprofundando a democracia a nível local, fazendo propostas concretas e aspirando a que elas possam fazer caminho para serem integradas nos Planos de Acção e nos Orçamentos das autarquias.

O Bloco pode mais e melhor. O património do Bloco permite ter um Manifesto mais rico.

Seixal, 14 de fevereiro de 17

Luís Cordeiro (Vereador C. M. Seixal)

Vítor Cavalinhos (Membro da Assembleia Municipal do Seixal)

Almerinda Bento (Membro da Assembleia de Freguesia de Amora)

Fátima Barata (coordenadora concelhia)

Francisco Morais (coordenadora concelhia)

Isabel Vieira (coordenadora concelhia)

Francisco Silva (aderente)

Hugo Arsénio Pereira (aderente)